

Sentir em rede: Net-ativismo estético na ação colaborativa

Letters to the Earth

Feeling through Networking: Aesthetic Net-Activism in the Collaborative Action 'Letters to the Earth'

Dra. Marina Magalhães

Professora convidada do Mestrado em Comunicação, Redes e Tecnologias da Universidade Lusófona do Porto e da Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande. Investigadora integrada ao Atopos e ao ICNOVA/ UNL

E-mail: marinamagalhaes@msn.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1124-8269>

RESUMO:

As novas tecnologias comunicativas inauguraram formas distintas de ações colaborativas que atravessam diversos campos da vida cotidiana, transformando também a esfera do sentir. Neste artigo, convidamos a pensar as redes na dimensão da sua sensibilidade ecológica, a partir de colaborações que superem as grandes separações do pensamento ocidental - entre o humano, a técnica e a natureza - e contemporizem a complexidade dos nossos dias. Adotamos, teoricamente, o conceito de net-ativismo, a fim de entender como as novas formas de poder e de ativismo atravessam a esfera do sentir para, empiricamente, lançamos um olhar para o experimento colaborativo artístico *Letters to the Earth*.

Palavras-chave: *Redes sociais digitais. Net-ativismo. Letters to the Earth.*

ABSTRACT:

MAGALHÃES, Marina. **Sentir em rede: net-ativismo estético na ação colaborativa *Letters to the Earth***

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.9, n.18: nov.2019

Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

The new communicative technologies brought forth different forms of collaborative practices that cross different fields of daily life, transforming the sphere of feeling. This article is an invitation to think about the networks in the dimension of their ecological sensitivity from collaborations that overcome the great separations of Western thought - between human, technology and nature - thus compromising the complexity of our days. It is based on the concept of 'net-activism' in order to understand how the new forms of power and activism cross the sphere of feeling so that we can empirically take a look at the artistic collaborative experiment *Letters to the Earth*.

Keywords: *Digital social network. Net-activism. Letters to the Earth.*

Artigo recebido em: 11/06/2019
Artigo aceito em: 25/06/2019

Introdução

O filósofo italiano Mario Perniola, em seu livro *Do Sentir* (1993), abordou a orientação da estética não através de uma relação privilegiada e direta com as artes, mas associada a um campo estratégico que não se constitui como cognitivo nem prático, mas da esfera do sentir. Tal premissa nos leva a pensar que, se antes o poder estava no saber e no agir, este agora estaria voltado para o sentir, sobretudo após o incremento da cultura digital, que inaugurou novas formas de sentir, em redes formadas por atores e *actantes* (LATOURE, 2012) de naturezas diversas – humanas e não humanas.

À luz de Perniola (1993), a socialização dos pensamentos, característica da *ideologia*, foi substituída pela socialização dos sentimentos da *sensologia*. Em âmbitos reticulares, a complexidade dessas interações possibilita um sentir isotópico, um sentir fora do sujeito, revelando uma percepção não sujeitocêntrica do sentir nas relações.

Segundo Di Felice (2019), tal pensamento se traduz como um sentir nem humano nem técnico, um sentir híbrido, inovador, muito importante para definir a complexidade das relações no contexto ciberconectado, composto por indivíduos, dispositivos, fluxos informativos, plataformas, sensores e dados que interagem entre si para construir uma ecologia do sentir.

Uma perspectiva tratada por outros autores, como Michel Maffesoli (2005), no debate sobre a pós-modernidade, sob o signo da transfiguração do político, nos convida a pensar o social para além dos pressupostos da solidariedade mecânica, num tempo em que as instituições tendem à fragmentação e a política – à qual este autor atribui o sentido da coisa comum – tende à tribalização, com o surgimento de comunidades envolvidas mais por um sentimento de vinculação do que pela noção moderna de contrato social.

“Movido por uma pulsão gregária, é, também, o protagonista de uma ambiência afetual que o faz aderir, participar magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios que propus chamar de tribos” (MAFFESOLI, 2005, p. 14). Tais elementos resultariam daquilo que o sociólogo francês explica como a passagem do poder, “abstrato, mecânico e racional” à potência, “encarnada, orgânica e empática”. Da transição de um corpo universal gerido por regras comuns e relações contratuais entre os Estados-nação específicos a pequenos corpos fragmentados, tribos misteriosas, fundidas de formas diversas umas com as outras em torno de sentimentos comuns, nada racionais e sem utilidade direta; porém, que não deixam de constituir uma inegável força instituinte, bem mais solidificada que numerosas construções racionais.

Enquanto o racionalismo favorecia uma concepção de indivíduo autônomo, senhor de si e produtor da História, elementos formadores da base da política – como sugere Manuel Castells (2013) ao tratar dos movimentos sociais na era da internet –, elementos como a intuição, o sensível e a experiência salientam o aspecto estético da existência comum abordada por Maffesoli (2005), mais preocupado com uma ambiência que favorece uma necessidade de vivenciar com os outros emoções fortes.

O retorno das tribos ou dos rituais, impulsionados pela saturação do político, que substitui a projeção de energia para o exterior (Deus, Estado, Revolução, Progresso etc.), para sua projeção em direção ao interior (mais apegada ao minúsculo, aos pequenos deuses intercambiáveis e efêmeros), nos sinaliza uma energia ecológica – ou seja, agregadora de tudo o que compõe a esfera do doméstico como instância de base da sociedade. “Chora-se, ri-se, participa-se à vontade e sente-se assim em comunhão com a totalidade do corpo social” (MAFFESOLI, 2005, p. 122).

Nessa síntese introdutória sobre a transfiguração do político, não podemos ignorar a própria evolução dos modelos comunicativos, que, com o surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação, impulsionaram um agir sem fronteiras (LÉVY, 2007). Embora Maffesoli (2005) não ofereça essa concepção de

ligação por meio das redes sociais digitais, podemos refletir como as novas tecnologias colaboram como uma espécie de “liga”, conectando os ideais libertários de tais corpos contra poderes, estruturas, morais e normas, aos quais teriam deixado de servir voluntariamente.

Neste artigo, convidamos a pensar as redes na dimensão da sua sensibilidade ecológica, a partir de colaborações que superem as grandes separações do pensamento ocidental – entre o humano, a técnica e a natureza – e contemporeizem a complexidade dos nossos dias. Adotamos, teoricamente, o conceito de net-ativismo (DI FELICE, 2013), a fim de entender como as novas formas de poder e de ativismo atravessam a esfera do sentir para, empiricamente, lançamos um olhar para o experimento colaborativo artístico *Letters to the Earth*.

Net-ativismo

A profusão global de formas de protestos, conflitos e participação surgidas e veiculadas a partir dos *social networks*, incluindo nestes as práticas artísticas, não mais se apresentam como desenvolvidas exclusivamente pelos ditos atores sociais. Cada vez mais, assumem a forma de um agir reticular, que integra atores de naturezas diversas, por meio da colaboração de dados, dispositivos móveis de conectividade, circuitos informativos etc.

Compreender a complexidade desse cenário implica superar as grandes separações difundidas ao longo dos tempos por uma perspectiva tradicional dos saberes, antropocêntrica, que costumava separar os homens da técnica, os homens da natureza e a natureza da técnica. Conforme destacam Massimo Di Felice e Mario Pireddu (2010), tal dicotomia, herdada da tradição europeia ocidental, nos levou a observar, até muito recentemente, as tecnologias de comunicação e interação como um universo maquínico, frio e externo a nós, humanos.

O filósofo alemão Martin Heidegger (2007) foi um dos primeiros autores a contestar a instrumentalização da nossa relação com a técnica e a natureza, ao revelar como o processo de industrialização moderno passou a explorar, transformar, armazenar e distribuir a energia nesta oculta. A internet, sobretudo em sua fase mais recente, das redes sociais digitais e dos aplicativos para mídias móveis, acentuou o problema da visão da técnica e da natureza como mero instrumentos diante de uma sinergia que, hoje, atravessa todos os campos da vida cotidiana.

Nesse sentido, propomos o desafio de pensar a técnica para além da perspectiva instrumental, dimensionando-a no nível de arquitetura do conhecimento. Sobretudo se considerarmos que o humano sempre desenvolveu conhecimento em simbiose com a tecnologia, da elaboração dos primeiros livros aos *e-books* contemporâneos (LEMOS; DI FELICE, 2014), da arte rupestre à net-arte.

É por essa razão que adotamos o termo net-ativismo para descrever o tipo de ação que advém da interação com as redes digitais através da sua dimensão de conectividade, aqui entendida pela capacidade e pelos níveis de conexões de uma rede. Tal conceito revela-se o mais apropriado para a dimensão ecológica na qual nos propomos a abordar o fenômeno, por não restringir o seu significado ao ciberespaço, ao uso da internet baseado, como troca de informações. Net-ativismo – um oxímoro composto pelo prefixo “net” e pela palavra “ativismo” – representa o esforço de denominar, de modo mais abrangente, uma nova forma de ativismo digital que se articula em rede, por reunir membros humanos e não humanos, seres vivos e não vivos, e nas redes, por se desenvolver de forma digitalmente conectada.

Apresenta-se, segundo esta perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (eko-logos) não mais opositiva e separatista, na qual uma dimensão ecossistêmica reúne seus diversos membros em um novo tipo de social, não apenas limitado ao âmbito humano dos “socius”, mas expandido às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva (DI FELICE, 2013, p. 9).

Esse conceito envolve uma noção mais complexa entre uma miríade de expressões distintas, a exemplo de *ativismo online*, *ciber-ativismo* ou *eletronic-advocacy*, também empregados por teóricos e pesquisadores na tentativa de traduzir as ações colaborativas desenvolvidas nas redes sociais digitais (MAGALHÃES, 2018). Isso porque o primeiro exemplo insiste numa separação entre o real e o virtual, barreiras cada vez mais diluídas em tempos de internet banda larga, *big data*, algoritmos e comunicação das coisas. O segundo nos conduziria a uma interpretação relativamente maquínica do fenômeno, da tecnologia como ferramenta externa, separada dos demais membros, enquanto o último limitaria o entendimento da dimensão dessa transformação, reduzindo-a ao âmbito da advocacia eletrônica na defesa das bandeiras de determinado grupo.

Entretanto, convém ampliarmos o foco dessa reflexão para as interações entre indivíduos, territórios, redes e tecnologias digitais, a fim de entender as ações net-ativistas como um resultado desse processo substancialmente plural. Antes de tudo, por reconhecermos uma diferença elementar entre tal fenômeno, surgido no interior da era digital, em relação ao ativismo tradicional historicamente conhecido, aquele relacionado aos ideais revolucionários, à projeção de líderes e bandeiras de luta bem definidas. Isto é, movimentos concebidos em uma estrutura verticalizada e, na maior parte das vezes, institucionalizada, que surgem fora do espaço digital e se apropriam das possibilidades oferecidas por suas redes para disseminar ideologias, conflitos de classe, raça ou gênero, questões sindicais, causas ambientais etc.

No caso dos fenômenos mais recentes aqui tratados como net-ativismo, líderes ou formas hierárquicas de participação pré-definidas não tendem a encontrar os seus espaços. Pelo contrário, a verticalização característica do ativismo tradicional, deu lugar a uma horizontalidade no formato digital, no qual são permitidos, no máximo, porta-vozes. Também não tendem a ser escolhidas “caras” conhecidas para negociar com figurões políticos ou conceder entrevistas aos *media* tradicionais. As bandeiras de lutas claras e definidas do ativismo tradicional ainda

foram substituídas por bandeiras múltiplas lançadas na própria arquitetura digital, que além de tudo possui o marco da transitoriedade e do nomadismo característicos deste habitar em rede.

O net-ativismo passou a se articular com a maximização das possibilidades de autonomia e sustentabilidade do desenvolvimento e da criatividade. Não mais limitado a movimentos de oposição à globalização, mas pelo advento de uma identidade cidadã global, habitante das redes digitais, que não se nega à diversidade local e cujas pautas reivindicatórias e de ação “glocal” avançam na direção do atendimento das necessidades comuns, tais como a democracia, equidade, consumo consciente, sustentabilidade etc.

Essa expressão de uma interação não opositiva entre sujeitos, grupos e territorialidades com as tecnologias de informação, as redes informativas e as diversas interfaces realizadas (DI FELICE, 2012) nos ajuda a pensar um novo tipo de relação que se distancia tanto do paradigma tecnocêntrico quanto daquele antropocêntrico, numa dimensão que põe em forma não mais dialética a relação entre a tecnologia e a sociedade. Como havia mencionado Castells (2000), mesmo partindo de uma visão mais tradicional do ativismo em rede como amplificação da política, o dilema do determinismo tecnológico é provavelmente infundado, dado que a tecnologia e a sociedade não podem ser compreendidas nem apresentadas sem as extensões tecnológicas.

Tipos de net-ativismo: técnico, político, estético

Num cotidiano cada vez mais digitalizado, no qual “o vértice da técnica se abriu na nossa experiência, liquefazendo a solidez da Terra e a própria distinção milenar que a garantia contra o mar” (MIRANDA, 1998, p. 24), percebemos a emergência de novas ações colaborativas que escapam de uma dimensão meramente política. Essa nova lógica que se desenvolve em rede e nas redes sociais digitais representaria algo além de uma transfiguração do ativismo: sem líderes,

com bandeiras diversas e em constante expansão, que, muito mais do que sugerir uma política sem partidos, transcende a esfera do político para uma esfera dos sentidos, dos esportes, da sexualidade, da espiritualidade etc.

Frente a uma miríade de ações colaborativas, José Bragança de Miranda (2010) sugere três tipos de net-ativismo mais comuns desenvolvidos pelos ditos usuários em colaboração com as tecnologias digitais: os de natureza técnica, política e estética. A primeira das três divisões estaria relacionada à determinação fundamentalmente técnica, exemplificada “pelos inúmeros proponentes de uma estratégia de *open source* ou *software* livre ou, numa vertente mais agressiva, pelos *hackers* e a sua guerrilha em torno do *software* e do controlo” (MIRANDA, 2010, p. 256). Ações elaboradas e implementadas pelos hacktivistas de coletivos como o *Anonymous* ou o *LulzSecurity* (LulzSec), em colaboração com os códigos-fonte, os aplicativos, *software* etc., ajudam a ilustrar este vértice da tríade proposta pelo pensador português.

Tais movimentos, cujos membros costumam ser conhecidos como “piratas informáticos”, voltam as suas ações para a invasão de sistemas de computadores pertencentes a grandes corporações, instituições religiosas ou públicas. A finalidade é revelar informações secretas, que podem variar de nomes de integrantes da Maçonaria Portuguesa até informações pessoais de chefes ou servidores do Estado e de grandes corporações. Juntos e sob uma mesma identidade coletiva, estes hacktivistas subvertem informações publicadas nas páginas oficiais dos seus alvos para substituí-las por mensagens de cunho anárquico, provocador e libertário.

O net-ativismo político representaria o segundo vértice dessa tríade, uma vez que desenvolvido fortemente na Internet “tem tido efeito em alguns casos fundamentais, mas que se prendem a interesses instalados, de grupos ideológicos como os situacionistas, os Zapatistas, o *Greenpeace* ou, então, da defesa dos localismos, etc.” (MIRANDA, 2010, p. 256). Tal natureza pode ser exemplificada

por movimentos recentes como a Primavera Árabe (Norte da África e Oriente Médio), o 5 Stelle (Itália), a Geração à Rasca (Portugal), o 15M (Espanha), o *Occupy Wall Street* (Estados Unidos) e as Jornadas de Junho de 2013 (Brasil).

Embora José Bragança de Miranda (2010) ressalte a temática predominantemente política dos movimentos dessa natureza, na pesquisa doutoral publicada no livro *Net-Ativismo: protestos e subversões nas redes sociais digitais* (MAGALHÃES, 2018) observamos organizações de ações coletivas apartidárias (ao menos *a priori*), desinteressadas na construção de um partido político ou na ocupação de cargos públicos. Tais ações se voltaram para mobilizações ocorridas nas redes e nas ruas, em torno de bandeiras diversas – como aquelas contra a corrupção política e o desmantelamento dos direitos sociais e a favor de uma participação mais efetiva de todos os cidadãos na vida política de cada país.

A terceira e última divisão proposta pelo autor diz respeito ao net-ativismo crítico de natureza estética. “Trata-se de estética no sentido lato do termo, ligado às afecções, como na prática de jogos colaborativos, à exibição narcísica e à comercialização dos afectos, etc., mas, acima de tudo, no sentido restrito das artes” (MIRANDA, 2010, p. 256). A partir do último vértice dessa tríade teórico-metodológica proposta pelo teórico português, voltamos o nosso interesse para os casos de net-ativismo predominantemente artístico, que, além de se apropriarem das redes sociais digitais para disseminar as suas experiências, baseiam-se na relação com a interface tecnológica como elemento integrante da obra em si.

A ação colaborativa artística *Letters to the Earth*, desenvolvida em 2019 por um grupo de artistas disperso geograficamente, em colaboração com a plataforma online *UpStage*, seria um exemplo de net-ativismo de natureza estética. Tal experimento, que será explicado de forma mais aprofundada no tópico seguinte, voltou-se para uma leitura conjunta global, digitalmente conectada, de “Cartas para a Terra” (tradução nossa), por meio da *performance online* de artistas que “adicionaram suas vozes à crescente demanda por uma ação internacional urgente e coordenada para deter o crescente colapso ambiental” (UPSTAGE, 2019, online, tradução nossa).



Figura 1 – Logotipo do Luz Security Portugal
Fonte: Tugaleaks:
<https://www.tugaleaks.com/entrevista-lulzsecportugal.html>. Acesso em: 5 jun. 2019.

Por fim, convém ressaltar que, na tentativa de exemplificar os tipos de net-ativismo sugeridos por José Bragança de Miranda (2010), logo percebemos que, embora esta não seja a proposição do autor, nem mesmo essas divisões temáticas conseguem preservar suas fronteiras. Isso porque o net-ativismo técnico pode carregar, simultaneamente, uma motivação política e uma linguagem estética, a exemplo da estética nas narrativas *hackers* do Anonymous ou do LuzSec; do mesmo modo como tal entrelaçamento ocorre também em casos referentes a outras divisões, como nos casos de net-ativismo de temática sociopolítica ou naqueles de natureza crítica-estética, que também desenvolvem ações que integram natureza técnica e crítica política.

Sendo assim, tomados como referência, esses três eixos norteadores tornaram possível a constituição de um panorama, ainda que preliminar, sobre o cenário do net-ativismo contemporâneo, atento aos temas predominantes. O objetivo não é aplicar categorias fixas para enquadrar automaticamente determinados aspectos do fenômeno em questão. Trata-se de um recorte temporal que segue como procedimento fundamental a busca por traduzir as suas definições pelos

discursos dos próprios atores, a fim de constituir um caminho possível para contemplar um campo de estudo jovem, complexo e em contínuo processo de transformação.

Letters to the Earth

Em 12 de abril de 2019, um coletivo de artistas espalhados por latitudes distintas desenvolveu, em colaboração com a plataforma *online UpStage*, uma *performance* em rede intitulada *Letters to the Earth*, na qual participaram de uma leitura conjunta global de “Cartas para a Terra”. O experimento foi criado diante da demanda por uma ação internacional urgente e coordenada para deter o crescente colapso ambiental.

Tal ação, que resultou na produção de um vídeo <<https://vimeo.com/332239263>>, teve como inspiração a *Extinction Rebellion* (“Rebelião da Extinção”) e a *School Strike for Climate* (“Greve Estudantil pelo Clima”). O primeiro movimento, surgido no contexto acadêmico no Reino Unido em maio de 2018, consistiu em atos de resistência não violenta para alertar sobre a questão do colapso climático e ecológico, deter a perda da biodiversidade e minimizar o risco de extinção humana, estimulando a desobediência civil como forma de pressionar os governantes e o público e promover a conscientização sobre a crise do clima.

Já a greve escolar pelo clima, também conhecida como *Fridays for Future* (“Sextas-feiras pelo futuro”), *Youth for Climate* (“Juventude pelo Clima”) ou *Youth Strike 4 Climate* (“Greve juvenil pelo Clima”), emergiu como um movimento de estudantes que decidiram não comparecer às aulas às sextas-feiras para protestar por medidas para conter o aquecimento global e as mudanças climáticas. O movimento atraiu a atenção midiática em agosto de 2018, quando a jovem ativista Greta Thunberg promoveu uma ação na cidade de Estocolmo, em frente ao parlamento sueco, onde segurava um cartaz no qual se lia “*skolstrejk för klimatet*” (viralizado globalmente como “*school strike for climate*”, mas traduzido em inúmeros idiomas num movimento que alcançou proporção mundial) (MIRANDA, 2019).

Assim como os dois movimentos aqui listados, o *Letters to the Earth* foi criado como uma resposta cultural ao clima e à emergência ecológica. Membros da indústria criativa do Reino Unido lançaram uma chamada aberta global para o recebimento de cartas de cidadãos de pontos distintos do *mapa mundi*. Mais de mil cartas à Terra foram recebidas e lidas em 49 localidades espalhadas pelo globo, do Reino Unido à Zâmbia e Nova Zelândia, algumas dessas selecionadas para uma leitura conjunta global, desenvolvida em colaboração com a plataforma *UpStage*, que desenvolve *performances online* ao vivo.

Essa última parte do experimento foi relatada na peça *Letters to the Earth*, publicada na seção Laboratório da *INTERACT – Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia* (UPSTAGE, 2019). Segundo a publicação, tal plataforma possibilita que artistas em pontos remotos colaborem em tempo real por meio de mídias digitais diversas, promovendo uma *performance* artística ao vivo para um público *online*, que também pode interagir e contribuir com a *performance* coletiva por meio de um *chat* de texto.

Desde o seu lançamento em 2004, o UpStage forneceu uma plataforma única para uma grande variedade de performances e projetos, incluindo o net-ativismo. A oportunidade de a audiência entrar, através do chat de texto, durante e após uma performance, em diálogo direto com os artistas e entre si, facilita o engajamento e a discussão significativa (UPSTAGE, 2018, online, tradução nossa).

Da ação coletiva *Letters to the Earth* participaram seis artistas – Clara Gomes (Portugal), Helen Varley Jamieson (Nova Zelândia / Alemanha), Katarina Djordjević Urosević (Sérvia), Lyn Cunningham (Irlanda / Reino Unido), Miljana Perić (Sérvia) e Suzon Fuks (Bélgica / Austrália). Nela, os colaboradores:

leram, cantaram, escreveram, desenharam e executaram digitalmente trechos de uma seleção de cartas, a partir de *streaming* audiovisual ao vivo e recursos de Text2Speech [software capaz de ler o que é escrito na tela do computador através de vozes sintetizadas], animações, gráficos e mídia audiovisual pré-gravada (UPSTAGE, 2018, online, tradução nossa).

Ao longo da *performance* coletiva, a audiência era estimulada a escrever as suas próprias cartas para a Terra, via *chat* de texto, disponibilizado na plataforma. Em resposta, alguns usuários - que ali atuaram como coautores da *performance* - publicaram poesias, comentários e questões. Um trecho reproduzido do *chat* durante a realização do experimento demonstra essa interação:



Figura 2 – Trecho da performance coletiva *Letters to the Earth* na plataforma online UpStage

Fonte: Revista INTERACT: <http://interact.com.pt/30/letters-to-the-earth/>. Acesso em: 5 jun. 2019.

Em “tempos de declarar amor à terra” (LETTERS TO THE EARTH, 2019), esta ação colaborativa foi selecionada como um caso de net-ativismo estético por, além de oferecer um experimento de *performance* coletiva ao vivo numa plataforma digital (UpStage), com artistas conectados com o público em pontos distintos do globo, desenvolver o seu experimento de net-ativismo numa perspectiva ecológica.

Tal ecologia não se resume à temática escolhida pelo experimento, voltada para a conscientização ambiental diante de uma época ameaçada pelas mudanças climáticas. Representa ainda a dimensão net-ativista tratada por Di Felice (2012, 2013, 2017), no ponto em que situa o fenômeno numa conexão digital complexa entre membros de naturezas diversas – sujeitos, grupos e territorialidades – com as tecnologias de comunicação e informação.

Considerações finais

Segundo a lógica maffesoliana, na nova mística que perfuma a ambiência contemporânea a tal “cola do mundo” (MAFFESOLI, 2005), sobre a qual se interrogavam os alquimistas medievais, depois de ter sido a marca da religião e do político, exprimiria-se na realidade cotidiana por meio de rituais cujo inventário precisa ser feito.

No sentido de colaborar com o inventário sugerido pelo sociólogo francês, apresentamos neste artigo as colaborações articuladas no caso de net-ativismo estético *Letters to the Earth*. O experimento desenvolvido em colaboração com a plataforma digital *UpStage*, os recursos audiovisuais, de leitura artificial de textos (Text2Speech), de animações, gráficos, etc., trazem os elementos não humanos ao centro do debate (LATOURET, 2012) sobre a ação em rede, revelando agências de atores e actantes de naturezas distintas.

Mais do que isso, a ação colaborativa aqui tratada revela um social não mais restrito à ação de humanos, mas atravessado por uma dinâmica de interação transubstanciativa (DI FELICE, 2017) – do corpo real em corpo digital, do texto escrito em voz artificial –, marcado pela alteração das próprias substâncias dos atores, actantes e das territorialidades que compõem as redes dos nossos dias.

Esse tipo de net-ativismo ainda nos provoca a refletir sobre como a experiência estética se inscreve nas novas ecologias da comunicação e informação, revelando formas inéditas de poder e ativismo que atravessam a própria esfera do sentir. Da parte dos artistas, *sentir com* o público em tempo real, através das conexões digitais. *Criar com* elementos não humanos, que alteram a natureza dos seus corpos e das suas vozes. Da parte do público, *sentir com* os artistas e *com* os não humanos, participando dos jogos colaborativos e contribuindo como coautor da obra. Da parte das tecnologias comunicativas, terem, enfim, a sua colaboração reconhecida, colocando em xeque a visão meramente instrumental da técnica, que acompanha o pensamento ocidental desde a sua origem – a qual, porém, cada vez mais perde o sentido, num cotidiano atravessado pelo digital.

Como afirma Massimo Di Felice (2019), vivenciamos um sentir novo, que não se configura apenas como uma extensão dos sentidos humanos, nem apenas uma imposição da técnica, mas “um sentir construído ecologicamente no contexto de conectividade”. *Letters to the Earth* nos oferece pistas para compreender tal complexidade, envolvendo num experimento global de cartas para a Terra remetentes que vão muito além do sujeito tradicional humano, demasiado humano, que desafiam a construção de novas lentes teóricas, pós-humanísticas e ecológicas, para a observação do social conectado.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura** (Vol. 3). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

DI FELICE, M.; PIREDDU, M. Além do solipsismo: as naturezas não humanas do humano. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (org.). **Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. São Paulo: Editora Difusão, 2010, p. 26-32.

DI FELICE, M. Net-ativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre: Faculdade de Comunicação Social da PUC/RS, v. 19, nº 1, p. 27-45, jan./abr., 2012.

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares". **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 2013. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1960-1.pdf. Acesso em 30 mai. 2019.

DI FELICE, M. **Net-ativismo: da ação social ao ato conectivo**. São Paulo: Editora Paulus, 2017.

DI FELICE, M. Entrevista a Massimo Di Felice (concedida a Marina Magalhães). In: GOMES, C.; MAGALHÃES, M. (org.). **INTERACT - Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia**. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens e CIC.Digital, Pólo FCSH, n. 30, jan.-jul. 2019. Entrevista. Disponível em: <http://interact.com.pt/30/entrevista-a-massimo-di-felice/>. Acesso em: 15 mai. 2019.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Scientiæ Zudia**. São Paulo, v. 5, nº. 3, p.375-398, 2007.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador, Bauru: Edufba, Edusc, 2012.

LEMOES, R.; DI FELICE, M. **A vida em rede**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

LETTERS TO THE EARTH. Direção: UpStage. Global (2019). **Vimeo**. Arquivo Digital: 26´46". Disponível em: <https://vimeo.com/332239263>. Acesso em: 5 jul. 2019.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2007.

MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAGALHÃES, M. **Net-ativismo**: protestos e subversões nas redes sociais digitais. Lisboa: ICNOVA, 2018.

MIRANDA, J. B. **Traços** – Ensaios da crítica da cultura. Lisboa: Editora Vega, 1998.

MIRANDA, J. B. Activismo em rede, globalização e transdução. In: ÁLVARES, C.; DAMÁSIO, M. J. (org.). **Teorias e Práticas dos Media**: Situando o Local no Global Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2010. p. 251-266.

MIRANDA, D. Das escolas ocupadas às sextas-feiras sem aula: estudantes do liceu e a potência destituente como experiência de um sentir em comum. In: GOMES, C.; MAGALHÃES, M. (org.). **INTERACT** - Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens e CIC.Digital, Pólo FCSH, n. 30, jan-jul. 2019, Ensaio. Disponível em: <http://interact.com.pt/30/das-escolas-ocupadas-as-sextas-feiras-sem-aula-estudantes-do-liceu-e-a-potencia-destituente-como-experiencia-de-um-sentir-em-comum/>. Acesso em: 5 jun. 2019.

UPSTAGE. Letters to the Earth. In: GOMES, C.; MAGALHÃES, M. (org.). **INTERACT** – Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens e CIC.Digital, Pólo FCSH, n. 30, jan.-jul. 2019, Laboratório. Disponível em: <http://interact.com.pt/30/letters-to-the-earth/>. Acesso em: 25 mai. 2019.

PERNIOLA, M. **Do Sentir**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.